

## **Restos de dor e marcas de invenção na Psicanálise brasileira: Adelheid Koch e Virgínia Bicudo.**

Maria Lúcia Castilho Romera  
Rita de Cássia Cardoso da Silva Mendes

### **Introdução:**

O recorte desta investigação diz respeito a influencia ou às marcas deixadas por suas pioneiras no modo de exercício da transmissão da Psicanálise.

Descrever o percurso da Psicanálise no Brasil implica trânsitos entre a tradição e a invenção. Na tradição estão inscritos, entre outros, os esforços de seus precursores em alcançar o reconhecimento da International Psychoanalytical Association (IPA) e a consequente institucionalização da Psicanálise. Relativamente à invenção consideram-se a particular forma de inserção em nosso território com sua cultura, geografia e valores característicos. Como aponta Oliveira (2002), o período e os acontecimentos vivenciados pelos brasileiros quando as ideias psicanalíticas surgiram no Brasil, nas décadas de 20 e 30 do Século XX, proporcionaram “ruptura e modificações estratégicas, tanto na forma de conceber quanto na de praticar a psicanálise” (p.14).

Refletir sobre a interconexão de tradição-invenção no contexto geral da institucionalização da Psicanálise, desperta a curiosidade de se avaliar como a cultura engendrou a Psicanálise que praticamos. Nosso foco está voltado para Adelheid Koch e Virgínia Leone Bicudo. Há muito vimos nos interessando pela marca da escrita de mulheres psicanalistas no cenário psicanalítico. No presente texto faremos breves incursões em algumas informações biográficas e na análise de um dos escritos publicados por estas pioneiras. Através dessas fontes pretendemos lançar algumas questões que nos orientem sobre a repercussão, no fazer analítico contemporâneo, da inventividade-tradição expressas pelas analistas em destaque.

### **I - Nossas Pioneiras, quem eram?**

Adelheid Koch graduou-se pela escola de medicina em 1924. Seu pai era um clínico geral e fundador da primeira Revista de Medicina publicada na Alemanha. Formou-se no Instituto Psicanalítico de Berlim em 1935, sendo analisada por Otto

Fenichel<sup>1</sup>. (Haudenschild, 2007). Chegou ao Brasil em novembro de 1936, pela intermediação de Ernest Jones, então presidente da IPA, que atendia, finalmente, pedido de Durval Marcondes. Enfrentou com coragem dificuldades de diversas ordens e não contava com garantias de trabalho, remuneração e a própria segurança pessoal (Romera, 1993). Veio para o país devido à diáspora dos analistas judeus durante o nazismo. A família Koch chegou ao país nos dias posteriores ao Golpe de Estado (1937 e 1945), que assegurou um regime totalitário, centralizado, nacionalista. Provavelmente alheia, em parte, aos acontecimentos políticos da esfera nacional, Koch estabelece contato com Marcondes somente em meados de 1937 e, com a experiência que lhe era possível, torna-se, em dezembro deste mesmo ano, a primeira analista didata da América Latina autorizada pela IPA a formar psicanalistas. (Oliveira, 2002).

E assim, entra em cena nossa segunda personagem:

Eu fui a primeira pessoa que usou o divã da Doutora Koch. Mas não é pra contar isso pros outros, viu? Os médicos não vão gostar. Estou fazendo brincadeira agora. Acontece que fui mesmo... A Doutora chegou, todo mundo com receio, com medo... E a Doutora: "Estou organizando aqui, quero ver quem quer.... 'Eu quero!' Eu sempre brinco que estreei o divã no Brasil. (Bicudo, 1995 citado por Maio 2010, p.350).

A declaração de Virginia Bicudo é enfática e esclarece sua relação com a Dra. Koch. Foi a primeira pessoa, por assim dizer, a ousar confiar nesta mulher que fugindo da perseguição nazista aportara com sua bagagem de dores e amores.

Nascida a 21 de novembro de 1910 falecida em 2003, neta de escravos e imigrantes italianos, Virgínia marcou sua existência por uma inquietante busca de compreensão da condição humana. Herdou do pai, Theophilo Julio, a determinação de busca constante de conhecimento e ampliação de horizontes. Assim em 1930 conclui o curso de normalista e em 1932 concluiu o Curso de Educadores Sanitários da Escola de Higiene e Saúde Pública do Estado de São Paulo. Mas uma inquietação a perseguia: "Eu tinha sofrimento, tinha dor e queria saber o que causava tanto sofrimento. Eu colocava que eram as condições exteriores. Então pensei que, estudando Sociologia, iria me esclarecer" (Bicudo citada por Terperman e Knopf, 2011, p. 67). Iniciou o curso na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, concluindo

---

<sup>1</sup> O seu trabalho de passagem a membro intitulou-se: *Análise da Resistência na Neurose Narcísica*.

em 1938. Durante tal Curso, deu-se o encontro com Durval Marcondes e também o “encontro com outro meio de conhecimento, nascido de seu interesse pela psicanálise” (Ibid p71). Em uma entrevista ao jornal Folha de São Paulo Bicudo declara: “O que me levou para a Psicanálise foi o sofrimento que eu queria aliviar.... Desde criança eu sentia preconceito de cor e procurei o curso de Sociologia para me proteger do preconceito” (Ibid, p.71). Assim, não foi casualmente que iniciou suas pesquisas investigando as atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo.

Através desses pequenos recortes da vida dessas duas mulheres, podemos dizer que ambas, com diferentes matizes, trazem a marca da experiência de exclusão, preconceito e perseguição, ou seja, restos de dor. As biografias das duas revelam a presença de uma figura paterna forte e determinante no seguimento de rumos de suas vidas. Ambas trazem em sua bagagem a herança nômade, lançadas em travessia, jogadas no mundo e caídas na terra *brasilis*.

O encontro entre o negro e o ariano evoca em nós aquilo que se expressa na música de Paul McCartney “Ebony and Ivory”<sup>2</sup>. Nela o poeta denuncia a intolerância da convivência de díspares, ao mesmo tempo em que constata a junção harmônica do ébano e o marfim das teclas de seu piano.

A nossa suspeita interrogante é: o que desta relação possível pela impossibilidade desdobrou-se no devir da Psicanálise brasileira?

## **II –Intenção e Surpresa- o caminho faz-se pelo obstáculo**

Fizemos um levantamento bibliográfico inicial dos primeiros escritos das duas analistas e alguns deles nos chamaram a atenção, a saber: “Ensinar e aprender”; “Adelheid Koch: uma história que se confunde com a vida de uma instituição” ambos escritos por Koch; dos escritos de Bicudo citam-se; “Interpretação sob os vértices do modo de ser e do modo de não ser”; “A visitadora social psiquiátrica e seu papel na

---

<sup>2</sup> Ébano e marfim vivem juntos em perfeita harmonia

Lado a lado no meu teclado, oh Deus, por que nós não?

Todos sabemos que as pessoas são iguais aonde quer que vamos

Há mal e bem em todo mundo,

Aprendemos a viver, aprendemos a dar

Uns aos outros o que precisamos para sobrevivermos juntos (McCartney & Wonder, 1996)

higiene mental da criança”; “Incidência Da Realidade Social no Trabalho Analítico”. Depois elegemos um deles: Intitulado: “Influência Histórico Social na Atitude Analítica” de autoria de Koch em co-autoria com Capisano, que também traz uma citação de um artigo escrito por Bicudo. Sobre ele detivemos nosso olhar e nossa postura interrogante-interpretante<sup>3</sup>.

O texto trabalha os aspectos comuns e imprescindíveis à atividade do psicanalista. Alerta quanto aos cuidados necessários a observar para manter-se dentro das normas fundamentais do processo analítico, mesmo diante das inevitáveis influências históricos-sociais a que está suscetível.

Nossa pretensão inicial era detectarmos a forma como os autores pensavam a conjugação entre a realidade historico-social e a psicanalítica. Como se posicionavam relativamente às exigências da formação e às demandas culturais? Intentávamos encontrar no texto comprovações para a nossa hipótese de que o contexto social e político bem como as histórias de vida dos analistas influenciavam suas práticas. Mas não foi isso que foi se desenhando. O entrelaçamento que se propunham com a Sociologia parecia promissor, mas na medida em que a leitura se desenvolvia uma sensação de incomodo foi tomando conta das investigadoras. Uma espécie de indignação-frustração insinuava-se. Os autores traziam uma situação clínica onde o cenário de tensão política estava em pleno vigor advindo da revolução de 64. Daí a um enlace com a situação vivida em 1937-45 pela Dra Koch seria um passo. Mas não era isso que eles assinalavam ou tentavam elaborar. Ao contrário mostravam-se estritamente voltados para a manutenção da postura de abstenção da realidade social na realidade analítica. Descreviam seus sentimentos e apreensões contratransferências mas em nome de re afirmar a disciplina analítica. Mas eis que nos “Comentários Finais” uma virada total na proposição que vinha sendo alinhavada pelo texto nos pega de surpresa. Neles, os autores relatam uma crítica contundente ao posicionamento que haviam tomado, caracterizado por eles mesmo como sectário, que denominaram de “posição inteiramente emocional”. Nossa leitura sofreu um fluxo e contrafluxo, ou seja um abalo. Nos demos conta de que o argumento tão contundentemente colocado pelos

---

<sup>3</sup> Tal Postura está mais amplamente delineada no capítulo 3 do livro *O Psicanalista Hoje e Amanhã: O II encontro Psicanalítico da Toeira dos Campos por Escrito*.

autores podia sofrer e tinha mesmo sofrido uma destinação muito diferente da esperada. Ou seja, o argumento estava colocado apenas para ser dispensado ou disposto em nome da apreensão de uma outra lógica. Com coragem de investigadores psicanalíticos recuperam a potência crítica da análise que vinham fazendo e com precisão identificam nas relações informais do cotidiano institucional chances de *insights* significativos, possibilitadores de novos fluxos de organização de conflitos e impasses do analista na sua função. Arranjos informais entram em cena quando o editor da revista onde pretendiam publicar seus posicionamentos os convida para uma conversa. Este convite insinuou-se como uma peripécia ou encruzilhada e os autores foram destinados por si mesmos a uma auto-análise. Este fato foi determinante para a reconsideração do caminho que tinham tomado.

Fica evidente, a postura corajosa dos autores de manterem uma atitude científica de questionamento-dúvida, abrindo espaço para crítica reflexiva. Nesta o outro-alteridade ganha relevo, sendo a alteridade, o conjunto de arranjos formais e informais do grupo institucional. O texto traz a tese e a antítese das questões relacionadas a prática da Psicanálise em meio a uma atitude congruente com as recomendações freudianas. No fio da navalha Assim, o texto se apresenta de maneira revigorante para época atual pelo fato de fazer reacender as esperanças na humanidade, mediante a crítica que ele coloca aos movimentos massificadores, dogmáticos e destruidores das individualidades e das particulares.

### **Considerações Finais:**

Entendemos que a Psicanálise teve não apenas sua origem, mas na sua extensão marcas profundas de diferentes matizes desde a influência semita até a antropofágica. Com a nossa lente interpretativa apreendemos, através da análise de um texto escrito e publicado por nossos pioneiros, uma forma criativa e crítica de refletir sobre a postura do analista, no próprio ato de escrever-comunicar suas ideias e proposições.

A escrita desse ensaio possibilitou recuperar a potencialidade do obstáculo e da dor na re-invenção de caminhos possíveis para ousar transformar a necessária repetição na repetição diferente.

## **RESUMO**

Este trabalho versa sobre a etapa inicial de um projeto de pesquisa acerca da influência de algumas particularidades dos pioneiros da psicanálise brasileira sobre a prática clínica contemporânea. Aspectos do contexto sócio-cultural vigente são, também, considerados. Circunscreve-se a investigação, neste momento, nas figuras das psicanalistas Adelheid Koch e Virgínia Leone Bicudo. Busca-se conhecer como o contexto histórico e a história de vida de cada uma influenciaram o exercício da psicanálise no seu início, com eventuais desdobramentos nos sucessores. Para isso, recorre-se às suas biografias e a um texto escrito por uma delas, mas que leva uma citação da outra, com a finalidade de delinear os principais elementos que caracterizaram o processo de implantação, expansão e transmissão da prática psicanalítica no Brasil. Por meio deste material e, conduzidas pelos fundamentos teóricos sustentadores deste início de investigação, percebemos uma peculiar forma de relação invenção-tradição na prática destas pioneiras. A tradição, criteriosamente observada pelos psicanalistas precursores, contribuiu não apenas para a institucionalização da Psicanálise no país, como também instigou as pioneiras a buscarem invenções, na forma de abertura de caminhos que favorecessem sua prática de forma crítica e bem alicerçada em âmbitos para além do instituído.

Palavras-Chave: Transmissão da Psicanálise; Pioneiros; Postura Interrogante-Interpretante

## **REFERÊNCIAS:**

Capisano, F. H. & Koch, A. (1972). Influência Histórico Social na Atitude Analítica. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. V. 6; nº 3-4. (pp. 344-356). São Paulo.

Haudenschild, T. R. L. (2007). Folder. Congresso Berlim.

Maio, Marcos Chor (2010). Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. In: *Cadernos Pagu* [online]. n.35, pp. 309-355. Recuperado em 21 de março de 2012 de: ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332010000200011>.

Maccartney, P. & Wonder, S. (1996). Ebony and Ivory. Em *Song Review: A Greatest Hits Collection*. Universal. Selo Motown.

Oliveira, C. L. M. V. (2002/set) Percursos da psicanálise em São Paulo In: *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XV, n. 161 (p. 14-31) Recuperado em 22 de março de 2012 de [http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/161\\_03.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/161_03.pdf)

Teperman, Maria Helena Indig & Knopf, Sonia (2011). Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. In: *Jornal de Psicanálise*. [online]. vol.44, n.80, pp. 65-77. ISSN 0103-5835. Recuperado em 22/03 2012 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352011000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352011000100006&script=sci_arttext)

Romera, M. L. C. (2011). Postura Interrogante- Interpretante: Por quem os Sinos dobram??? In: *O Psicanalista: Hoje e Amanhã*. Coord. Leda Maria Codeço Barone. São Paulo: Casa do Psicólogo.